
O excêntrico pa-tro-pi: Raça e Negritude na transformação de Jorge Ben em ídolo da música popular¹

João Vitor Bessa Cordeiro de Souza²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar as possibilidades de diálogo entre a trajetória artística de Jorge Ben e o que teoricamente se compreende por Negritude, que representa o conjunto de princípios que guiaram a ação antirracista no mundo colonizado. Desenvolvemos o trabalho com base nos conceitos de produção de sentido na música popular massiva (JANOTTI JR, 2008) e de Negritude (CÈSAIRE, 2010; MUNANGA, 2011), considerando De manifestação poética e literária, a Negritude se metamorfoseou em ação política. Trata-se de um estudo da produção de sentidos na música popular massiva (JANOTTI JR, 2006, 2008) que considera o biográfico comunicacional (SACRAMENTO, 2011, 2014) como ferramenta para refletir a respeito da emergência do texto negro em sua obra artística, incorporado e interpretado pelo público.

Palavras-chave

Jorge Ben; Negritude; Raça; Música popular massiva; Biográfico

Introdução - Vozes do século cantaram o orgulho negro

Quando trata dos fundamentos teórico-metodológicos da biografia-problema, Sacramento (2011) defende a importância de colocar a figura biografada em perspectiva, isso significa observar de que formas as questões que marcam a trajetória de vida analisada estão em consonância com outras, as que distinguem o momento histórico em que tal figura realiza as suas ações. Os acontecimentos do passado histórico, continua o autor, não são algo estático e já acabado, mas algo em processo. Dentro do sistema de significações de nosso tempo, nos relacionamos com o que é

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Música e Entretenimento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Mestrando em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ

passado e atuamos no processo de "acabamento que nunca se completa por inteiro" (Sacramento, 2011, p.276) do qual fazem parte os conflitos sobre o passado e as nossas práticas de reconhecê-lo.

As referências reunidas no caminho teórico que ele percorreu na escrita de sua tese dedicada à trajetória do dramaturgo Dias Gomes dialogam no que diz respeito à importância de superar o modelo de uma “biografia-narrativa” que se limita a ditar uma série de acontecimentos, fixados em uma determinada ordem linear de feitos e conquistas que formam a imagem de um ícone (idem, 2011). A biografia-narrativa, ao privilegiar a mera ordenação dos fatos, negligencia a explicação dos fenômenos sociais mais amplos que afetam as ações tomadas, às posições ocupadas e a uma série de fatores históricos, políticos e culturais que coincidem com os rumos de uma trajetória pessoal.

A proposta metodológica da biografia-problema se estabelece envolvendo o biografado e os conflitos sociais com que se depara, com as relações de poder existentes. O tempo vivido impõe determinadas normas, expectativas e pressões sociais a ele e à geração que produz junto a ele e que está representada nas instâncias de consagração midiática. Essa perspectiva se baseia na interpretação de que não se deve separar um artista e sua obra das condições sociais de produção às quais está submetido; o fazer artístico-intelectual é uma produção coletiva de um tempo e não uma mera realização individual oriunda da criatividade.

Sendo assim, é preciso questionar em que medida as questões que envolvem a trajetória de Jorge Ben e sua produção artística dizem respeito aos fenômenos sociais que marcam o seu tempo de vida. Um homem negro diante do mundo, ele dedicou sua atenção às transformações e os desejos da gente à sua volta, mobilizada pelo avanço tecnológico, mas amedrontada pelo risco de uma nova guerra de proporções globais³. No conjunto de suas canções, o compositor aborda temas que envolvem a sua

³ Menciono canções de sua discografia em que Jorge Ben trata dessas questões. Especialmente na canção “Take it easy my brother Charles”, dialoga com as transformações de seu tempo, motivado pela chegada dos primeiros homens brancos à lua, em 1969, mas influenciado também pelos ideais propagados pelo movimento negro mundial. “Depois que o primeiro homem maravilhosamente pisou na lua/Eu me senti com direitos, com princípios e dignidade de me libertar”, cantam alguns de seus versos. Em relação ao temor da guerra, menciono momentos em que prega a paz. Como em “Charles Jr” (1970), em que diz: “Eu tenho o pé, o amor e a fé no século XXI/Onde as conquistas científicas, especiais medicinais/E a confraternização dos povos/E a humildade de um Rei/Serão as armas da vitória para a paz mundial”. Em entrevista ao Jornal do Brasil publicada em 10/09/1969, o compositor descreveu esta canção como “uma música de libertação sobre o problema racial”.

experiência com a espiritualidade, seu fascínio pelo esporte e a paixão por sua esposa, elementos comuns ao cotidiano que compõem seu cancionário⁴.

Da mesma forma tratou da valorização da cultura negra e de sua história, em trabalhos como *Negro é lindo* (1971) e *África Brasil* (1976), colocando-se em consonância com outros (as) artistas que, no Brasil e ao redor do planeta, também utilizaram a linguagem musical como plataforma de discursos semelhantes, dialogando com o projeto político de resgate dos valores e das tradições dos povos negros africanos e de seus descendentes em diáspora (MUNANGA, 2012). Sendo assim, em que medida a trajetória de Jorge e sua obra — ou ao menos nos pontos em que alude à questão negra — se aproximam ou se afastam do que criaram os seus e das suas contemporâneas negras?

Por se tratar de um artista do catálogo de uma gravadora *major*, a *Phillips*, interpretamos os meandros de sua trajetória considerando a noção de música popular massiva (JANOTTI JR, 2006, 2008) como chave para situá-lo no panorama do mercado fonográfico e para identificar os aspectos econômicos de sua ascensão profissional, considerando os aspectos plásticos e técnicos que caracterizam sua arte. Quando se trata da música popular massiva, a produção de sentidos envolve as etapas de criação, produção e circulação de um trabalho musical e os diferentes agentes ali envolvidos, sejam artistas, produtores, jornalistas, DJs ou ouvintes (*idem*, 2006).

Mais do que isso, os sentidos ali presentes se completam quando há o encontro entre música e ouvintes; surge na incorporação dos elementos que compõem a obra e a performance; se realiza nos processos de escuta, nos ambientes onde circula. Os instrumentos e timbres escolhidos para um arranjo, a forma com que se regula as alturas e frequências, tal como os elementos reunidos no palco, compõem informações a partir das quais cada ouvinte se conecta ao som. Assim como o conteúdo verbal de suas canções, qual o impacto da estética na performance artística de Jorge Ben, por exemplo a moda e o penteado, para a construção de sua imagem pública conhecida pelo público?

O objetivo deste artigo é investigar na trajetória biográfica de Jorge Ben, entre 1969 e 1976, quando do início de seu segundo contrato com a gravadora Phillips e do lançamento dos álbuns *Jorge Ben* (1969), *Negro é Lindo* (1972) e *África Brasil* (1976),

⁴ Um exemplo de canção em que trata da espiritualidade é “Jorge da Capadócia” (1975), outra que mostra o gosto pelo esporte é “Camisa 10 da Gávea” (1976) e o amor por Teresa é cantado em diferentes momentos, como “Cadê Thereza”.

pontos de inflexão na manifestação do seu *texto negro* (REIS, 2014). Buscamos criar um diálogo entre a arte de Ben e os princípios do movimento da Negritude, no que diz respeito à produção de discursos de valorização do povo negro, em resposta à colonização e à inferiorização dos povos negros no mundo moderno, movimento de veias artísticas e políticas (MUNANGA, 2012; CÉSAIRE, 2010).

Trata-se de um estudo da produção de sentidos na música popular massiva (JANOTTI JR, 2006, 2008) que considera o biográfico comunicacional (SACRAMENTO, 2011, 2014) como ferramenta para refletir a respeito da emergência do texto negro em sua obra artística, incorporado e interpretado pelo público. A vinculação de um artista a uma gravadora se relaciona com os aspectos econômicos de sua criação; os aspectos plásticos e técnicos, com o gênero musical, contudo nos interessa pensar na trajetória artística e nos movimentos de ascensão, estagnação, ostracismo e consagração de uma carreira. Por isso, é preciso investigar as condições de produção e também as características da geração de artistas que protagonizou determinado momento histórico, em busca de pistas a respeito dos processos que coincidiram para que cada etapa fosse cumprida.

Propomos uma reflexão que considera os meios de comunicação de massa e sua produção de bens e valores culturais tendo em vista que seus discursos, mensagens e princípios não são passivamente assimilados pelo público, pela massa, mas que existem processos de mediação entre a mensagem enviada e sua recepção os quais são determinados por fatores culturais, históricos e políticos (BARBERO, 1995, 2018). Esse movimento envolve compreender o lugar do negro na cultura popular (HALL, 2013), sua realidade periférica e a relação ambígua com a indústria na disputa pelo hegemonia no terreno cultural. E, na América Latina, onde as possibilidades de adequar as inovações globais às próprias necessidades são desiguais em relação ao centro ocidental, dada a relação histórica controversa com a modernidade (CANCLINI, 2015).

Escrevemos em diálogo com outras produções acadêmicas que compartilham Jorge Ben como objeto de pesquisa, caso de Amaral (2020), Reis (2014), Oliveira (2008) e Silva (2014), produções jornalísticas, caso de Viola (2020) acrescentando à pesquisa bibliográfica autores (as) que analisam temas associados à mesma geração de artistas, como SOVIK (2019). Recorremos ao acervo do Jornal do Brasil como fonte de

pesquisa documental a respeito do período entre 1969 e 1976⁵, junto a entrevistas realizadas posteriormente em programas midiáticos⁶ e, como exemplos dos discursos e opiniões contemporâneas a respeito da obra de Ben, dialogamos com podcasts como Rogero (2022), Silva (2012) e Alexandre (2022).

Jorge Ben, sua obra em seu tempo

A sua trajetória profissional de Jorge Ben se inicia em 1961, ao lado de grupos bossanovistas como o Copa Trio e a banda do organista Zé Maria, apresentando-se como pandeirista em casas localizadas do Beco das Garrafas, até assinar seu primeiro contrato com a *Phillips*, em 1963 (AMARAL, 2020). Um jovem negro oriundo de uma família que ascendeu socialmente e que habitou o centro e as zonas norte e sul da capital fluminense nos anos de 1940 a 1960, Jorge nasceu em Madureira, em 1939, e cresceu no Rio Comprido, onde brincou o carnaval, frequentou o seminário e subiu o morro do Salgueiro, sendo amigo de Tim Maia, Erasmo Carlos e Roberto Carlos desde a adolescência (VIOLA, 2020).

Sua estreia no mercado fonográfico acontece em 1963, com o lançamento de *Samba Esquema Novo*, álbum formado por canções como “Chove Chuva” e “Mas, que nada”, que tornaram-se globalmente conhecidas ao serem interpretadas por artistas como Sergio Mendes (1966) e Miriam Makeba (1964), e que, nacionalmente, ultrapassaram a marca de 100 mil cópias vendidas⁷ ainda em 1964 (VIOLA, 2020; REIS, 2014). No mesmo dia em que Jorge celebrou o sucesso comercial ao lado dos diretores da *Phillips*, a junta responsável pelo golpe militar posto em ação dez dias antes disso promulgou o AI-1, que determinou a manutenção da Constituição Federal de 1946 e realização de eleição indireta de um novo presidente da República; Castelo Branco seria eleito o primeiro dos ditadores de Brasília⁸.

Jorge faz parte da geração de artistas que iniciaram suas carreiras nos anos 1960 e que protagonizaram acontecimentos e eventos marcantes da cena musical nos anos de

⁵ A escolha pelo Jornal do Brasil se justifica pelo fato de ser o veículo com o maior número de menções a Jorge Ben, entre os disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nos acervos do jornal, estão registrados diferentes momentos da trajetória de Jorge Ben, entrevistas realizadas em momentos-chave, comentários de outros profissionais a seu respeito e suas temporadas de shows nas casas noturnas cariocas, em notas, reportagens, entrevistas, anúncios publicitários e textos de opinião.

⁶ Roda Viva (1995), Revista Trip (SANCHES, 2009) e W/Cast (OLIVETTO, 2022).

⁷ **Zunzunzun**. Jornal do Brasil, Caderno B, 10 abr 1964. Ano 74, nº 84. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

⁸ JORNAL DO BRASIL, capa, 10 abr 1964. Ano 74, nº 84

regime, como os festivais da canção. Uma geração de nomes celebrados da bossa nova, jovem guarda, MPB, tropicalismo e do soul, mas também do brega e da música romântica.

Essa geração de artistas representa um ponto inicial da cultura de massas no Brasil e, num momento histórico em que a ruptura social e política causada pelo golpe militar, põe em questão as diferentes formas de se pensar a música popular, seus fundamentos e objetivos. Como aponta Sovik (2018), é nessa década em que música popular começou a ser meio para comentários sobre a situação nacional, por outro lado, é neste momento em que a cultura de massas passa a ser objeto de estudo de intelectuais relevantes.

Nesse contexto histórico e conjuntura política, na ampla cena musical brasileira, Jorge Ben ocupou uma posição fronteira entre os movimentos e gêneros. Por se sentir excluído pelo restrito círculo da bossa-nova rompeu com o movimento, ao mesmo tempo em que não se identificou com a jovem guarda de seus amigos de infância⁹, apesar de seu apoio. Não devemos crer na ilusão de que a trajetória deste artista rumo ao status que conquistou na história da música popular é linear, progressiva. Como aponta Bourdieu (2006), acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, não se pode compreender a trajetória sem investigar traçar a teia de acontecimentos nela entrelaçados. Por mais que “Mas que nada” tenha se tornado um *hit* nos Estados Unidos, isso não significou a ascensão do seu compositor no mercado internacional.

No ano anterior à gravação de Sergio Mendes, o contrato de Ben com a *Phillips* foi rompido. Quando em 1965, financiado pelo Itamaraty, mudou-se para estudar música e se apresentar nas universidades estadunidenses, retornou ao Brasil após alguns meses (AMARAL, 2020). Entre isso, lançou *O Bidu* (1967) por um selo independente. O compositor Jorge Ben teve seu “resgate” no mercado musical brasileiro a partir de 1968, quando suas canções foram interpretadas por outros artistas e, bem avaliadas,

⁹ Nesta reportagem, publicada na semana posterior à apresentação de Jorge no festival MIDEM, em Cannes, o artista tratou de recapitular os sete anos anteriores de sua carreira, dando justificativas e explicando os contextos que o aproximaram ou distanciaram dos movimentos musicais em voga no começo de sua carreira, a Bossa Nova e a Jovem Guarda. Adiante, comenta a respeito de sua relação com os tropicalistas, tendo como pano de fundo das falas as participações em programas de TV na grade dominical da Record. **Jorge Ben descansa enquanto não estreia programa na TV**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 fev 1970, 1º Caderno, p. 10, ano 79, nº 261. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

motivaram um novo interesse do público. Wilson Simonal transformou “País Tropical” (1969) em um fenômeno, e os tropicalistas Gal Costa (1969) e Os Mutantes (1968) incorporaram Jorge aos seus repertórios.

Em 1969, Jorge inicia sua segunda passagem pela *Phillips* com o lançamento de seu álbum homônimo, que representa uma nova etapa de sua carreira. É nesse momento que se aproxima dos tropicalistas, grupo com que teve afinidade e que o abraçou apesar das diferentes estéticas. Em 1970, Jorge declarou ao *Jornal do Brasil* que era um compositor tropicalista, porém logo em seguida criou uma definição própria do movimento: “O tropicalismo existe desde que eu nasci. O tropicalismo é puramente brasileiro. Sou um compositor que continuo fazendo tropicalismo, pois moro num país tropical”¹⁰. Assim, aproximava-se ao mesmo tempo que se mantinha independente em relação ao movimento. Para ele, “O tropicalismo é um cara simpático que traz e mostra muita alegria para todos, contagiando”.

No ano seguinte, na esteira do sucesso de sua própria versão de “País Tropical”, se apresenta em festivais de música europeus e realiza turnês por outros países do continente, além dos Estados Unidos e Japão¹¹. Em meados de 1972, o mesmo artista que chegou a estar “quase desempregado”¹² era um compositor disputado na cena musical e reconhecido por conquistar o prestígio dentro e fora do país¹³.

Durante a ditadura militar, Jorge foi um dos artistas que ocuparam uma zona cinza no que diz respeito ao posicionamento político, tendo atitudes contraditórias e, em

¹⁰ Em janeiro de 1970, Jorge Ben se apresentou como atração de destaque no MIDEN, um evento anual realizado até hoje em Cannes, na França, que reúne representantes da indústria da música global. Esse foi um ponto de inflexão na carreira internacional do artista e foi celebrado pelo *Jornal do Brasil* na época como um feito de destaque. **O sucé de Jor na Euró**. *Jornal do Brasil*, 28 jan 1970, Caderno B, p. 1, ano 80, nº 251. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

¹¹ Em janeiro de 1970, Jorge Ben se apresentou como atração de destaque no MIDEN, um evento anual realizado até hoje em Cannes, na França, que reúne representantes da indústria da música global. Esse foi um ponto de inflexão na carreira internacional do artista e foi celebrado pelo *Jornal do Brasil* na época como um feito de destaque. **O sucé de Jor na Euró**. *Jornal do Brasil*, 28 jan 1970, Caderno B, p. 1, ano 80, nº 251. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

¹² Nesta reportagem, publicada na semana posterior à apresentação de Jorge no festival MIDEM, em Cannes, o artista tratou de recapitular os sete anos anteriores de sua carreira, dando justificativas e explicando os contextos que o aproximaram ou distanciaram dos movimentos musicais em voga no começo de sua carreira, a Bossa Nova e a Jovem Guarda. Adiante, comenta a respeito de sua relação com os tropicalistas, tendo como pano de fundo das falas as participações em programas de TV na grade dominical da Record. **Jorge Ben descansa enquanto não estreia programa na TV**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 fev 1970, 1º Caderno, p. 10, ano 79, nº 261. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

¹³ O PÁ-TRO-PI NO FLAG. Sem autoria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 set 1972. Pág 12, nº 150, ano 82. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

geral, reivindicando neutralidade no debate (REIS, 2014), como o caso de artistas da Jovem Guarda e dos gêneros chamados de brega. Na ocasião de um dos festivais da canção, Jorge Ben não assinou um manifesto ¹⁴de compositores da sua geração, que se negaram a participar do evento produzido pela Rede Globo, denunciando a censura e a intervenção do regime (MELLO, 2010).

Na época, assim como mais de vinte anos depois, em entrevista ao programa Roda Viva (JORGE BEN JOR, 1995), Jorge assumiu uma posição neutra em relação ao debate sobre a política institucional do país, assim como fizeram Wilson Simonal, Baden Powell, entre outros. No entanto, isso não significa que sua obra nada diga sobre política racial.

Assumir a raça, abraçar a Negritude

A partir de Amaral (2020), que se dedica a estudar a infância e o início da carreira de Jorge Ben, destacando a relação dúbia do artista com a cena carioca pós-bossa-nova, ao início dos anos 1960, em que Jorge foi questionado sobre seu talento artístico (poético, harmônico e melódico), comparado a outros expoentes da cena naquele período. Um artista tratado como o *outro* da bossa, sendo estigmatizado no que diz respeito à sua identidade racial e sua origem no subúrbio carioca.

O que Amaral aponta é que o círculo social do qual surgiu a bossa nova era restrito social e geograficamente por ser formado por jovens que habitavam a zona sul da capital. O *ethos* bossanovista (AMARAL, 2020, p.193) que surge entre esse grupo se caracteriza pela exclusividade e pela intimidade dos espaços em que emerge, conscientemente das aglomerações que ocorriam em outras regiões da cidade representa. Contradições raciais na relação de Jorge Ben com a bossa nova, mais do que isso, com os ideias de pureza que o gênero representava, que tinham evidente caráter racial, emblemas do cosmopolitismo branco.

Naquele meio que olhava de forma depreciativa para sua origem suburbana, para seus traços étnicos, que o acusava de ser “macumbeiro”, Jorge Ben consegue dar vazão à sua criatividade artística e, posteriormente, os mesmos símbolos de estigmatização

¹⁴ Chico, Tom Jobim e mais 10 saem do FIC contra a Censura. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, ano 81, nº139 p.10. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2023

passam a ser valorizados como signos de autenticidade e de brasilidade. A presença de Jorge Ben naquele meio seria uma porta de entrada para a cultura “legítima” brasileira. Diante da inferiorização e do estigma de sua raça que sofreu no início da carreira, Jorge Ben reagiu assumindo a sua identidade racial em sua aparência e performance, dialogando com o que Césaire artisticamente concebeu como Negritude, em 1932.

Negritude é para Aimé Césaire (2010) um conceito que define os contornos da luta antirracista em todo o mundo, envolvendo aspectos culturais, políticos e psicológicos definidores da luta decolonial. O movimento da Negritude surge nos anos 1930 como um eco do pensamento pan-africanista desenvolvido por pensadores negros nos séculos XVII e XIX, como Joseph Antenor Firmin e W.E.B Du Bois (CÉSAIRE, 2010). Esses pensadores influenciaram Aimé Césaire, Léopold Sedar Senghor e Leon-Gontran Damas, grupo de poetas e pensadores responsável pela criação da revista "L'Étudiant Noir", com a intenção de disseminar o pensamento anticolonial no mundo francófono.

O termo “Negritude” surge em um poema de Césaire intitulado “Cahier d’un retour au pays natal”, em 1939. De manifestação poética e literária, a Negritude se metamorfoseou em ação política; uma arma teórica de reinvenção da própria perspectiva negra de seu lugar no mundo. Num contexto “fortemente hierarquizado em desfavor dos negros” (CÉSAIRE, 2010, p.15), construir a possibilidade de um novo destino para o povo negro, como protagonista de sua própria história, parte de assumir a identidade racial, mas em termos definidos pelos negros e não pelos colonizadores. A ideia de Negritude do autor não busca por um sentido vazio de universalidade identitária e cultural entre as raças, busca, por outro lado, o enraizamento na cultura dos povos negros em vista de sua autonomia.

Segundo Munanga (2012), há dois tipos de imperialismo que resultam da dominação colonial no continente africano: o de mercado e o da história. O primeiro se sustenta pela apropriação da terra e de seus recursos naturais, pela exploração econômica e pela precarização da força de trabalho; além do sequestro das pessoas que foram escravizadas e enviadas à força para outros continentes, como a América. O segundo tipo de imperialismo diz respeito ao tratamento dos negros como sujeitos sem história e de tradução oral, considerada inferior à tradição escrita de outros povos.

Trata-se de mecanismos e estratégias desenvolvidos para servir à tríplice redução do negro: ontológica, epistemológica e teológica.

Recuperar essa raiz, reaproximando-se da cultura e do pensamento africano era a saída para a emancipação negra que o trio vislumbrou porque se dava como uma manifestação negra em seus próprios termos, independente e autônoma. Assim, a Negritude surge diante da imposição colonialista de inferiorizar, tratar como primitivos os povos negros africanos e em diáspora, tal como sua história, suas culturas, sua arte, suas religiões e formas de organização social (MUNANGA, 2012). Negritude é uma arma política e retórica dos povos negros que se sustenta na afirmação da raça negra, no resgate do passado negro pré-colonial e na projeção de um futuro do universal marcado pelo encontro de diferentes civilizações.

São os objetivos da negritude buscar o desafio cultural do mundo negro; protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação dos oprimidos; lançar um apelo a favor de uma civilização do universal, formada pelo encontro de outras civilizações. A Negritude busca a afirmação e a reabilitação da identidade cultural dos povos negros (MUNANGA, 2012).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, discutimos parte da trajetória biográfica e artística de Jorge Ben, buscando relacionar sua produção artística ao movimento da Negritude. Mais do que isso, colocar o artista em perspectiva com o seu tempo, marcado por transformações sociais e políticas tanto no Brasil e na América Latina quanto no mundo. Vimos que, na trajetória de Ben, houve um movimento de afirmação da identidade negra, diante da inferiorização e do estigma do qual foi vítima, especialmente quando vinculado à bossa nova (AMARAL, 2020).

Assumindo a sua identidade e o slogan *Black is Beautiful*, Jorge construiu um conjunto de canções que propagam discursos que buscam contrapor a lógica que inferioriza a cultura negra, que resgatam a história do povo negro brasileiro em termos positivos e emancipatórios. Assim, entendemos que seu discurso dialoga com os princípios do que epistemologicamente convencionou-se a chamar de Negritude (CÉSAIRE, 2010), um conjunto de ações políticas, culturais e artísticas que buscam desenvolver ferramentas para contrapor a a tripla inferiorização do negro de que

Munanga (2012) trata: epistemológica, teológica e ontológica. Como um artista membro da primeira geração da indústria musical brasileira nos moldes da cultura de massa, nos anos 1960 (SOVIK, 2015), Jorge Ben produziu um legado artístico em consonância com a valorização da cultura negra, assim como seus contemporâneos como Elza Soares, Gilberto Gil, Cesarea Évora, Bob Marley, Nina Simone, como tantos outros, influenciando gerações posteriores.

Referências bibliográficas

AMARAL, Marcos Henrique. **Jorge Ben: tradutor do Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Nacional de Brasília, Brasília. 2020

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Aimé Césaire; Carlos Moore (org). Ana Maria Gini Madeira (trad). Belo Horizonte, Nandyala, 2010

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição em Paulinho da Viola**. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2011

Chove Chuva. Tiago Rogero. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, ago 2022. Podcast. Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast-item/chove-chuva/>. Acesso em: 22/06-23

FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. **Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Mídia, Memória & Celebidades**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

HUNGRIA, Julio. **Na música popular o êxodo de talentos quase interrompeu o processo**. Jornal do Brasil, Caderno B, Coluna Julio Hungria. Rio de Janeiro, ano 79, n 229 01 jan 1970

Imbatível ao extremo. Paulo da Costa e Silva. Rádio Batuta, Instituto Moreira Salles, 04/10/2012. Podcast. Disponível em: <https://radiobatuta.ims.com.br/documentarios/imbatiavel-ao-extremo-assim-e-jorge-ben-jor>. Acesso em 22/06/2023

JORGE BEN (Jorge Duílio Lima Menezes). In: **DICIONÁRIO Cravo Albin de Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Cravo Albin, 2002. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/jorge-ben-jor/>

JORGE BEN JOR - 18 dez 1995. Memória Roda Viva. Transcrição. Disponível em: https://rodaviva.fapesp.br/materia/66/entrevistados/jorge_ben_jor_1995.htm, acesso em 21/06/2023

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia**. Comunicação Mídia E Consumo, 3(7), 31–47. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/cmc.v3i7.69>

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais**. E-Compós (Brasília), vol.1, 2006 <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/84/84>

LIMA, Tatiana Rodrigues. **Manguebeat - da cena ao álbum: performances midiáticas de Mundo Livre S/A e Chico Science e Nação Zumbi**. Dissertação, Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, Salvador. 2007

MELLO, Zuza Homem de; SEVERIANO, Jairo. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras, vol. 2: 1958-1985**. São Paulo: Ed. 32, 1998

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo, 2010: Ed. 34

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. —2ª edição — Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral De Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª ed. – 1. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

NASCIMENTO, Alam D'Ávila do. **"Para Animar a Festa" A Música de Jorge Ben Jor**. Dissertação: Mestrado em Música - UNICAMP– Campinas, SP: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284060>

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. **O swing do samba: uma compreensão do gênero do samba-rock a partir da obra de Jorge Ben Jor**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e Cultura Contemporâneas, da Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2008

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011

REIS, Alexandre. **Eu quero ver quando Zumbi chegar: negritude, política e relações raciais na obra de Jorge Ben** (1963-1976). Niterói, UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 2014

SACRAMENTO, Igor. Muito mais que apenas um subversivo: questões para uma análise da trajetória artística de Dias Gomes. In: BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). **Comunicação e História: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.

SACRAMENTO, Igor. **A biografia do ponto de vista comunicacional**. Matrizes, v.8, n.2, jul/dez 2014. São Paulo - Brasil, p. 153-173

SILVA, Paulo da Costa e. **A tábua de esmeralda: e a pequena renascença de Jorge Ben/** 1ª ed. Rio de Janeiro, Cobogó, 2014

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983)

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** 2ª ed. São Paulo, Ed. 34, 2010

VIOLA, Kamille. **África Brasil: um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver.** São Paulo, Edições SESC, 2020